

Colecção: Patrimónios - Nº 5

Título: Grupo de Folclore de Machico
Retrospectiva dos 25 anos (1982-2007)

Edição: Câmara Municipal de Machico
Machico, Outubro de 2007

O reportório

Paulo Ricardo Caldeira

O folclore estuda os usos, costumes e tradições do povo. As expressões orais e corporais, muitas vezes espontâneas, eram autênticas lições de sabedoria. Quem não se lembrará de uma história ou canção entoada pela avó ou pela mãe?

"A Madeira, sendo uma pequena ilha, está numa situação especial, porquanto é uma única província, podendo ser atravessada dum extremo a outro em poucas horas. Nos arraiais, principalmente, misturaram-se as populações de diversas freguesias, até das mais distantes, outro tanto sucedendo em certas colheitas. Por este motivo, quasi se pode dizer, as canções são comuns." ¹

Não obstante todos os arraiais serem vivenciados com muito envolvimento, o Natal era a principal festividade. Ainda hoje é comum ouvirmos referências a essa quadra como "**a festa**" e era esta que era vivida com mais intensidade. Uma particularidade do Natal em todo o arquipélago era a celebração das Missas do Parto (que perdura até os nossos dias, retomando, aparen-

temente, o envolvimento de outrora). As pessoas saíam com os seus instrumentos (castanholas, rajões, violas e búzios) e, em romarias, iam cantando e chamando todos para as Missas do Parto logo ao nascer do dia. Afirmo o Padre Juvenal Ferreira que "Durante o acto religioso, todos cantam versos populares, em honra da Mãe de Deus e do Menino Jesus, cujo aniversário de nascimento está próximo. Alguns desses versos são antiquíssimos." ²

Virgem do Parto, oh Maria
Senhora da Conceição
Dai-nos as festas felizes
A paz e salvação

As pessoas participavam activamente nas celebrações religiosas, levando oferendas ao menino Jesus, nas romarias ou entrada dos pastores da missa do galo, cantando:

Da serra veio um pastor
À minha porta bateu,
Trouxe uma carta que diz
O Deus Menino nasceu

1- SANTOS, Carlos M., *Trovas e bailados da Ilha*, Edição da Delegação de Turismo da Madeira, 1942. Os livros e artigos de Carlos M. Santos ainda hoje são uma referência para o Folclore Madeirense.

2- FERREIRA, P.e Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira – Estudo folclórico*, JGDAF, 1956.



Fig. 1

Nas oitavas de Natal, apareciam os “mascarados” que, batendo de porta em porta, iam provando os doces, vinhos e licores caseiros. Esta tradição de visitar as casas para ver as lapinhas, continuava até ao dia de Reis. De 5 para 6 de Janeiro o **cantar dos Reis** era entoado durante toda a noite de porta em porta:

*E nós bem sabemos
E vós bem sabeis
Que no dia de hoje
Se cantava os Reis*

O ciclo do Natal, vai até ao varrer dos armários, a 15 de Janeiro. (...) “depois do jantar, nestes dias é sempre muito cedo (...) reúne-se o povo laborioso, para esquecer a cruz pesada, que durante todo o ano traz às costas, as contribuições e rendas, as dívidas e opressões dos senhorios e entrega-se a jogos, rodas, tocares e cantares, hoje esquecidos (...)”³

Muitos dos **Jogos Populares, canções de roda ou brinquedos cantados**, têm origem no continente português e popularizaram-se não só nas ilhas como na América do Sul. São disso exemplo a “A ciranda”, “A padeirinha”, “A viuvinha”, “A Teresinha

de Jesus”, “Galinha Pintada”, “Condensa”, “Eu sou rica”, “Muito chorei eu”, “Lencinho”, “Anel”...

*Tenho uma galinha pintada,
que meu avô me comprou.
É bonita e põe bons ovos,
bom dinheiro lhe custou.*

*Tlim, tlim, tlim, tlão,
tenho um realejo, que me ganha o queijo,
tenho um violão, que me ganha o pão.*

Apesar das anteriores estarem mais relacionadas com momentos de diversão, existiam cantigas que eram entoadas num contexto laboral, como forma de aliviar a carga de trabalho e promover a comunicação entre o povo. Para isso também teve particular contributo a orografia da Madeira, pois os vales e montanhas dificultavam o acesso aos locais de trabalho, na altura maioritariamente, agrícolas. São exemplo as seguintes **cantigas de trabalho**: Cantigas da ceifa, Cantigas da carga, Canção de lavrar, Cantiga da erva...

*Oi, como nome de Deus começo
Pai, Filho, Espírito Santo
Oi, esta é a primeira cantiga
Que nesta ceifa eu canto*

Em Machico também existia muita gente que se dedicava à faina do mar. Sendo um dos principais centros piscatórios da ilha, as vivências do mar são retratadas também em algumas canções:

*Ai, eu sou filha de um pobre barqueiro
Ai, eu nasci nas ondas do mar
Ai, o meu berço era a proa dum barco
Que navegava de noite ao luar*

O recurso à música também era usual nas lides domésticas. Para além das histórias ou romances, as **canções domésticas** eram o recurso que muitas mães tinham para ninar os seus meninos, como a de embalar ou de berço. A letra da seguinte canção reflecte a época da escravatura:

*Embala preto embala
embala esse menino
ai ele não chora com fome
chora porque é pequenino*

Os **romances** têm contextos que divergem muito entre si: romances histó-

ricos, novelescos, líricos, sacros, lendas, biografias entre outros. Os seus conteúdos foram passando de geração em geração e, na maioria dos casos, são só narrados. Em Machico encontramos alguns romances cantados acompanhados pela viola de arame ou rajão. Pere Ferré no livro *Romances Tradicionais* ⁴ descreve: "Foi, no entanto, no Machico que Isabel Mendonça Baguel ofereceu os primeiros versos tradicionais deste romance. São aliás estes versos, sem qualquer dúvida, os mais importantes desta obra que, se por um lado confirmam a importância do romanceiro português, por outro inscrevem as ilhas da Madeira e do Porto Santo como território privilegiado da tradição romancística mundial."⁵

Outrora, quando as comunicações entre os homens não eram tão acessíveis, nem se publicavam tantos livros, revistas e jornais, e não existia a rádio e televisão, compreende-se que os romances ou histórias, pelo seu carácter narrativo, alimentassem e prendessem a curiosidade do povo e, assim, servissem para passar o

3- FERREIRA, P.e Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira – Estudo folclórico*, JGDAF, 1956.

4- Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1982.

5- Romance "Afuera, afuera Rodrigo".



Fig. 2

tempo, enquanto fiavam ou bordavam. “A Donzela Guerreira”, “História do cavaleiro e História de D. Inês” são algumas dessas histórias cantadas.

*Lá fora armou-se a guerra
a guerra de D. João
não tenho filho nem filha
que por mim à guerra vão*

*Responde a filha mais moça
de seu leal coração
ai meu pai eu vou p’ra guerra
deite-me a sua benção*

O “**Charamba**” é canção mais emblemática do folclore madeirense, habitualmente acompanhada com a viola da terra ou de arame. Com um certo tom árabe, é entoado em andamento lento. A sua música serviu de base a muitas das cantigas de trabalho.

*O charamba foi às lapas
A mulher aos caranguejos
A filha ficou em casa
A dar abraços e beijos*

Existiam grandes romarias na Madeira. Destacavam-se o Bom Jesus de Ponta Delgada, Nossa Senhora da Monte e o Senhor

dos Milagres. Os romeiros iam a pé para estas festas, cantando ao desafio e bailando de improviso durante todo o caminho. Usavam preferencialmente os instrumentos de corda tradicionais (viola de arame, rajão, braguinha e rabeça) que eram acompanhados pelo bombo, pandeiros, castanholas e ferrinhos. Existindo tocadores de outros instrumentos musicais juntavam-se também à romaria.

Os “**brincos**” ou “**bailinhos**” eram as danças de eleição. O povo fabrica rimas de variada espécie (amor, rivalidades, humor...) ou altera constantemente as canções existentes, pois serve-lhe para exprimir novas ideias ou adaptar à sua localidade.

*Senhor dos Milagres
Senhor de Machico
Eu venho p’ra festa
Em casa eu não fico*

Todas as freguesias conheciam o “bailinho”, no entanto, este foi captando diferentes representações, tal como refere Carlos Santos: “O Bailinho de oito fixou-se nas freguesias de leste: Camacha, Gaula, Santa Cruz e Machico. (...) Machico é que conserva maior pureza, tanto nas marcações como na maneira de dançar, embora em um ou dois sítios apenas.



Fig. 3

“Nas freguesias da Camacha, Gaula, Santa Cruz e Machico encontramos o baile **chama-Rita**, rotulado de muito antigo. (...) acarinhado quási exclusivamente pelos velhos, e de uso raro. (...) Ninguém sabe ao certo donde veio.”⁶

É uma dança lenta e monótona que nada tem a ver com o baile com a mesma denominação nos Açores.

A **Mourisca** é uma dança vinda com os povoadores, que se fazia na procissão do Corpo de Deus. Existem alguns registos não só deste baile, como da dança das espadas, terem sido realizados em Machico, perdendo-se, porém, no tempo. Carlos dos Santos, pioneiro no estudo e divulgação das danças tradicionais madeirenses, diz que “Dançar a mourisca é coisa que ninguém se lembra de ver ou sequer ouvir falar. Cantar, sim. Toda a gente canta a mourisca seja qual for a freguesia ou o

logarejo onde a procurem.”⁷ No concelho de Machico existem algumas variantes da Mourisca cantada, não se podendo saber se realmente têm alguma ligação às ancestrais mouriscas das procissões. Não tem letra própria, é como o “Bailinho” e o “Charramba” de trovar.

O povo de Machico é muito religioso e este facto reflecte-se no grande número de festividades. Fazia muitas **romagens**⁸ todos os anos. As romagens eram apresentadas pelos diferentes sítios da freguesia, e para além das de Natal, existiram até há poucos anos as romagens para animar e contribuir financeiramente para algumas festas ou obras na Igreja e capelas. Umas das mais “rijas”, como diz o povo, foram as do início dos anos 60, com o objectivo da construção do Coruchéu da Torre e Baptistério da Igreja Matriz. Vieram romagens de todos os sítios com os seus versos e bailados, trazendo também produtos da terra,

6- SANTOS, Carlos M., *Trovas e bailados da Ilha*, Edição da Delegação de Turismo da Madeira, 1942.

7- Da etnografia e do Folclore: A Mourisca, *Das Artes e da História da Madeira*, nº 11, 1952.

8- Entenda-se por Romagens grupos organizados dentro da freguesia, enquanto romarias no sentido de peregrinação religiosa ou festa de arraial.

Fig. 2- Recolhas no Sítio do Marco (João de Freitas), Fevereiro de 1995

Fig. 3- Bailinho, Grupo de Folclore de Machico

- Mourisca - F. Franco

daqui por a minha terra e'
 tudo caminho Chat e' tudo cravo e
 rosas Qu'eu plantei cõ a minha mãõ do
 Pico do facho, vê-se a igreja - a do Camão Pe-
 gueno, da serra a bai - a

Fig. 4- Mourisca de Machico, recolha e transcrição do Cônego Franco
 Fig. 5- Viola de arame construída por Manuel Freitas Moniz



Fig. 5

animais, doces, bordados e outras iguarias que seriam arrematados no bazar.

O sítio da Misericórdia, local da Capela do Senhor dos Milagres, marco histórico da descoberta (redescoberta?) da Madeira, retratou em cerca de sessenta versos a história do Senhor dos Milagres (aluvião de 1803).

Nesta vila de Machico
Grande tragédia se deu
Foi um grande aluvião
Como nunca aconteceu

Foi três dias a chover
Sempre sem nunca parar
Destruiu-se a capela
E o Senhor foi para o mar

Existindo algumas dificuldades em recuar muito mais no tempo nas recolhas

orais de danças e canções, deverá o grupo continuar registar as interpretações realizadas nesta e noutras romagens assim como as danças realizadas por grupos organizados de Machico nas festas das vindimas do Funchal em 1938 e 1945.

Apesar do muito que se tem feito nos últimos anos, e existir um crescente aparecimento de grupos de música tradicional, falta à Madeira um cancionero geral com estudos de comparação não só com o continente, mas também com os países por onde os madeirenses se foram espalhando, para melhor se sistematizar este património cultural.